



D'UMA PHOT. DE
- EMILIO BIEL & C^{as} -

Alfredo N Santos

Visconde de Moser

Os patriotas de cá



Os senhores sabem que desde o memoravel dia 11 de janeiro os patriotas de pechisbeque appareceram por toda a parte, dando sentenças, fazendo discursos, dizendo *bernardices*. Sabem tambem que pelo paiz fóra vibrou, medonhamente escamada, a *alma nacional*, vendo-se o caso raro da nação acordar estremunhada, esfregar os olhos e perguntar:

—Então que ha?

—Os inglezes que nos roubam!

—Ah! sim; muito boas noites...

E adormecer de novo, de pança a este bello sol, que nenhum pirata é capaz de nos surripiar. E começaram então os protestos; e todos á porfia queriam concorrer para a grande subscrição com que se devia comprar navios e balas que poriam a Inglaterra mettida n'um chinello. Pois a subscrição, a que se chamou todo o patriotismo dos homens e das senhoras, ficou pelas alturas de 290 contos!...

E' que os patriotas de pechisbeque, que foram para as suas gazetas pedir vingança, os que foram para os cafés pedir cerveja Serpa Pinto, os que em grupos, nas ruas, tinham ares de *qualquer coisa* e gesticulavam chamando infames bandidos aos nossos fieis alliados, é que todos esses dignissimos cidadãos, quando lhes chegou a vez de concorrer para a defesa da patria, fecharam os cordões á bolsa, que foi mesmo uma consolação!...

Depois, a Inglaterra fez o que quiz—se a gente póde fiar-se no que dizem telegrammas! —e os referidos patriotas, que se podem contar por muitos milhares—nem chuz nem buz. No Porto, quando o consul inglez disse coisas feias, os ditos patriotas, que tinham ensejo para se mostrarem gente, metteram-se em casa e... moita! Tudo o mais por aqui fóra, sempre como poltrões é que se portaram os taes senhores patriotas...

*

Ora, quando algum portuguez em Africa arisca a pelle ou dá quatro castanhas em cara de inglez, tudo são gritos de jubilo por cá; fazem-se commemorações, a alegria não tem limites, e o nome do heroe passa acclamado em triumpho.

Mas, ó patriotas de pechisbeque! Isso tudo é uma vergonha! Vocês já tiveram direito de bater as palmas a muito *beef*, e afinal o mêdo aconselhou-vos prudencia... Que diabo estão vocês a acclamar um homem que vos dá uma

bofetada sem mão, ensinando-vos o caminho do dever? Que diabo de negocio é esse! Vocês sabem que é assim, indo para a *pinha* do inglez, que se mostra ser patriota e vocês não fizeram semelhante coisa, seus tricas!...

Parece que isto de haver policia por cá, é que é o verdadeiro demonio... Se na Africa houvesse um 136 e um *habel* cabo Barbosa, com certeza que ninguem iria á pavana do consul Buchanan...

*

Mas isto vem tudo a proposito do caso succedido ultimamente com o tenente Azevedo Coutinho, que, pelo visto, se atirou aos nossos bons alliados e foi um homem! Todavia, o ministro da marinha declarou no parlamento que elle desobedecera ás ordens que tinha e que por isso seria castigado.

Ai! bocca que tal disseste! Berrou-se por ahi descompostamente contra o ministro, sem ninguem se lembrar da legenda *dura lex sed lex*. Se o que o tenente fez é um acto de indisciplina—embora abençoada indisciplina!—o tribunal o dirá.

De resto, Azevedo Coutinho commetteu uma loucura heroica que lhe póde sahir cara. Se elle tivesse o feitio do sr. Carlos Lobo d'Avila, já tinha deixado o Chire e o Ruo e andava ha muito tempo a gosar a Avenida e a bater, aos domingos, em tipoia para os toiros!...

Ai que trastes!



As leiteiras

Durante o mez de julho foram multadas *sessenta e seis leiteiras*, por venderem o leite adulterado.

Todos os mezes eu vejo
Nas gazetas cá da terra,
Esta mesma cega rega
Sobre o leite!

A vendel-o puro puro,
Sem mistéla ter alguma,
Não ha leiteira nenhuma
Que se ageite!

Sessenta e seis, nada menos,
Fóra as outrás qu'escaparam,
Porcamente o adulteraram
Sem pudor!

Com que liquido seria
Feita essa reles mistura?
Não foi, não, com agua pura
Oh! que horror!

Uma visinha que eu tenho,
E que é muito impertinente,
Declarou a toda a gente
Que jámais
De manhã tomava leite.
Pois tem razão a visinha
E tanta, que eu dou-lhe a minha,
Dou-lhe a minha,
E muita mais.



A cholera



Antes de mais nada:
Ha quem diga a *cholera* e ha quem diga o *cholera*. Ora, eu hoje vou pelo feminino, que é outra limpeza cá para o meu caso e para todos os casos, emfim. De resto, o homem deve preferir o feminino sempre, se quiser ser decente...

Pois a cholera... Se a gente vai a fazer caso do que lê, já a tem dentro do corpo sem dar por isso!.. Pois a cholera está resolvida a visitar todas as terras, menos o Porto; isto aqui é-lhe defezo porque, graças a Deus, têm-se adoptado taes medidas sanitarias, a cidade tem-se lavado tanto a côco e sal que ninguém vê senão... tudo porco.

Nas casas pobres, que ha por esses bairros populosos, nem falta, agora, ar, nem dinheiro: agua é que não ha muita, porque não tem chovido; mas se por ahi vem uma carga de chuva d'estas de se lhe tirar o chapéu, verão que a agua ha-de ser tanta que até as proprias torres tocarão a rebate...

As ruas e travessas estão que é mesmo uma belleza: os pavimentos varridos e lavados, tu-muito limpinho, emfim.

Apenas das boccas de lobo são continuamente um cheiro que tomba! E depois, na maior parte das ditas ruas a companhia do gaz abre fossos medonhos... e os senhores sabem o aroma que aquillo deita!

Ora, n'estas circumstancias, parece que não ha motivo para susto, e quem o tiver que compre um cão...

*

Commigo é que a tal epidemia não entra, e não entra pelá simples razão de que eu já a tenho ha muito tempo dentro do corpo. *Cole-risco* ando eu sempre, verdadeiramente *encole-risado* vejo-me eu constantemente; e não morro, até parece que cada vez ando mais forte.

Uns dias sinto *colera* contra o governo, quando elle me atira com algum imposto a mais, por exemplo.

Outros dias sinto *colera* contra o meu sapateiro, contra a minha senhoria, contra o meu alfaiate, contra tudo, emfim, que me apoquentta e me pede dinheiro...

E sempre e sempre, todos os dias e todas as noites, a todas as horas e a todos os momentos, eu sinto arder o corpo n'uma terrivel febre de *colera*... contra esse desalmado destino que não fez de mim um milionario!



Bailes e realejos

«O sr. governador civil prohibiu que d'oravante se dêem bailes publicos ao ar livre, bem como as musicas ambulantes.»

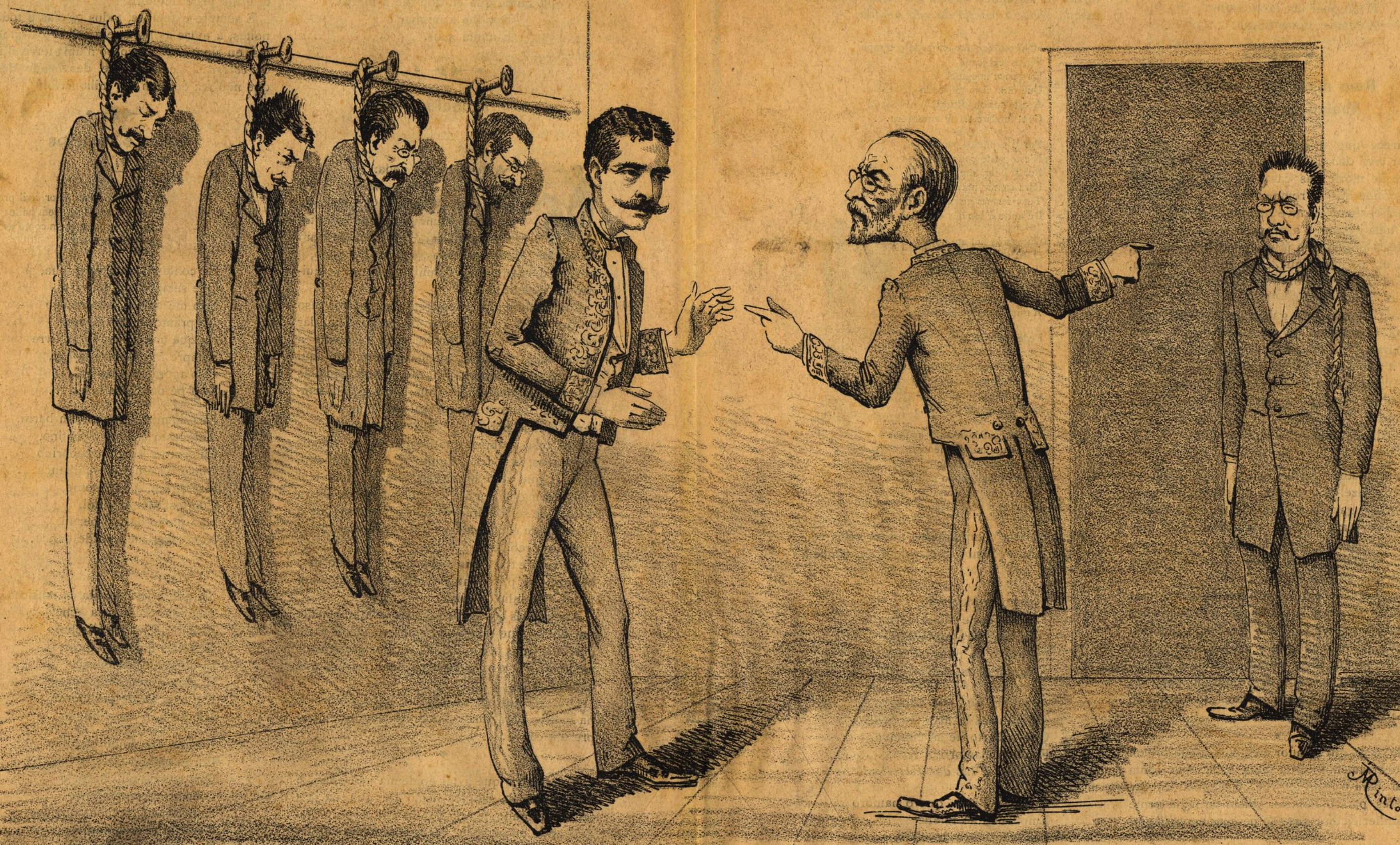
Eu confesso, sem vergonha,
Que sempre que leio isto,
Não me mósko, não resisto
Ao pranto deixar correr!
Eu que aos bailes ao ar livre
Sempre ás gambias ia dar,
Fico agora sem bailar,
Sem pé de dança fazer!...

Aos domingos, como um barra,
Mais lesto do que o Justino,
Eu sempre era um bailarino
Cheio d'azougue e chibança...
Mas agora, infelizmente,
Com esta lei de funil,
Não posso dar ao pènil,
Nem fazer meu pé de dança...

No que a lei respeita ás musicas
Tambem cruel eu a acho!
Prohibir-se,—que diacho!
Nas ruas qualquer tocar,
E' da gente dar cavaco!
E' para a gente dar sorte,
E a essa lei de má morte
Mandal-a, ó ceus! bugiar...

Eu que era doido, perdido
Por ouvir um realejo,
Que morria p'lo harpejo
D'uma rabeça fanhosa,
Nunca mais os meus ouvidos
Gosarão essa delicia,
Em vista de tal noticia
Que parece fabulosa!

A GRRRRRANDE TRAGEDIA



O sr. Lopo Vaz andou pelo norte apalpando a Dona Opinião, e tanto apalpou que, ao chegar a Lisboa, fez logo obra. Elle e mestre Serpa pizeram-se a deitar contas á vida; e como é preciso fazer economias, logo que se fechar as côrtes vão quatro melros á morte!

Mas embora! Se p'ra sempre,
Eu perdi o doce ensejo,
D'admirar um realejo
Moer valsas sobre valsas,
Tenho o grande Zé Machado
Que a falar no parlamento
E' tal qual um instrumento
A remoer notas falsas...



**Nem mais um «salto!»
Abaixo os «micos!»**

Parece que o snr. governador civil deu d'esta feita um golpe de morte nas casas de jogo, onde até ao romper do sol era costume *micar e saltar* com toda a gana; e a proposito d'esta ordem, que já está em pratica ha dias, disse um periodico que, como resultante d'ella, se viam agora muitos sujeitos desconhecidos, á noite, pelos cafés.



Eram pessoas que gastavam os seus ocios atirando para cima do *tapis vert* com a bella dinheirama, na doce e acariciadora illusão de que, a não *haver batota*, tinham ali a sua mina. Ai! mas uma, duas, tres, dez, vinte vezes, uma noite seguida e a sorte a ser-lhes sempre contraria!

—Gallinha! resmungavam, sahindo.

*

E' um estudo curiosissimo, para quem se metter a fazel-o, o da vida do sujeito que joga e só n'isso gasta a sua actividade; e é sobretudo pittoresca a analyse do que se passa nas casas de jogo de segunda ordem, onde apparecem os chamados *depennados*, arrebanhando algum parceiro de *milho*.

O *depennado* entra sem uma de cinco, mas abeira-se do primeiro conhecido e pede-lhe dez tostões. Joga depois e vai perdendo sempre. Mas vai pedindo sempre e vai jogando sempre, até que, emfim, altas horas, quando o sol começa a doirar o ceu, o desventurado, cheio de somno e de mau humor reclama do banqueiro uma placa para almoçar...

*

Ora, o sr. governador civil com a sua ordem de encerramento atirou com toda esta santa gente para o meio da rua, fazendo-a ir para os cafés, para o Palacio. Quem vir tanta gente desconhecida dirá que são pessoas em *villegiatura*.

E não se engana. Simplesmente a *villegiatura* é um pouquinho forçada...

Um necrologio patusco

Um poeta do Mogadouro, que dá pelo nome de Alberto Moraes Machado, publica n'um jornal os seguintes versos, tão tristes como patuscos, *sobre a campa da sua amada*:

«Oh! mulher que em todo o tempo
Sêr-te leal jurei,
Eu nunca imaginei
Que orar viria tão cedo
A esta tua sepultura,
Com funda e triste amargura...

Por ti profunda paixão
N'este peito concebi,
Por ti poeta me fiz
Para cantar mavioso
Tuas formas gentis e bellas
De noite á luz das estrellas.

Cumprido hei até hoje
O meu firme juramento,
'Inda no peito fomento
Uma dor profunda e acerba.
Encommenda, pois, com ardor
A minh'alma ao Creador.

Pede tambem pela irmã
Que carinhos te mostrava,
E aquelle que te presava
Ess.e meu saudoso pae,
«Filha minha—te dizia—
Feliz has de ser um dia.»

Porém quando n'estes sonhos
Delirava a minha mente,
Eis que tão impiamente
A Parca me roubou a noiva
Vã esperança e illusão
Encontra a resignação.»

Ficamos tão compungidos ao ler estes versos, que não podemos deixar de dizer, tambem em verso, que

Este poeta Machado,
Tão Moraes e tão Alberto,
Com seu estro apilarado,
Em verso de pé quebrado
A cantar é um ceu aberto!

A mulher que elle adorava
Tinha umas formas tão bellas,
Que Alberto 'té as cantava,
Fundido d'amor em lava,
De noite á luz das estrellas!

Contra a Parca, que o namoro
Empalmou ao infeliz
Com tão biltre de saforo,
Desfaz-se elle agora em choro
Talqualmente um chafariz.

Por essa que tanto amara,
 Por essa mulher dilecta,
 O Alberto—lá o declara—
 A doce lyra empunhara,
 E vae d'ahi, fez-se poeta!

Grande Alberto, grande Alberto,
 Oh! gloria do Mogadouro!
 Fica certo, fica certo
 Que és tal qual um ceu aberto,
 E tens na *pinha* um thesouro!...

Discorrendo...



Quando a gente se põe a olhar para as tirás de papel em branco, nos espaços em que o somno nos permite abrir os olhos; quando a gente pensa que ha-de dizer para ahi quatro lérias e o somno cavalga o nariz desalmadamente, sente-se ao longo da espinha calafrios medonhos e um appetite diabolico de atirar com tudo para os quintos!

Depois a gente tem a visão clara e nitida do proprietario da gazeta, lá ao longe, de fauces desmedidamente escancaradas, rangendo as maxillas e gritando que lhe dê para ali original, quando não!...

—Oh! homem de Deus! Não bata!...

Porque o sujeito, lá de longe, ergueu o punho cerrado, direito ao ar, como a esmagar o *preguiçoso*, para afinal o deixar cahir sobre a banca, levantando espavorida a papelada poeirenta.

—Oh! homem de Deus! Bata p'ra ahi!

*

Mas que ha-de a gente dizer, afinal, se o calor nos põe em estado tal que não ha onde se matar o tempo senão na cama; se o sol, quente e esbrazeado, todo o santo dia faz sentinella para nos não deixar pôr pé na rua; se finalmente um homem tem o coração ferido de morte com o que vae lendo nas gazetas a respeito da *fome de revolta*.

E' que se diz por ahi que ha muito menino bonito para quem uma revoltasinha da Costa vinha agora mesmo ao pintar da faneca! Era uma reinação, um pagode de alto lote! Deitava-se a terra o adicional, dava-se cabo do monopolio e acabava-se de vez com os espartilhos nas senhoras e os chinós nos homens!

Abençoada revoltasinha, essa, realmente! Sem adicional, sem monopolio, sem espartilhos e sem chinós, o paiz só teria a desfazer-se d'uma pessoa para ser verdadeiramente feliz: do sr. José Luciano.

Então sim; que isto ia tudo n'um sino, apesar de por cá ficar ainda o poeta Joaquim d'Araujo e o seu proverbial horror á agua, especialmente á da companhia...



Toiros



Annuncia-se para amanhã, domingo, no Colyseu, a festa de dois artistas modestos, mas que nem por isso deixam de ser dois dos mais distinctos que ali têm trabalhado toda esta época.

Isto de ser modesto é sempre prejudicial, senão cuidem o que seriam a fama e o nome que teriam *Joseito* e José dos Santos, se elles se enchessem de audacia e vaidade, se soubessem ou lhes estivesse no sangue, emfim, essa *arte de armar ao effeito*, de que os mediocres tanto se socorrem para encobrir as *ficelles*!

Vamos andando. Toda a gente sabe, todos quantos frequentam o Colyseu têm visto o que são e o que valem *Joseito* e José dos Santos. O primeiro, mal appareceu nas arenas portuguezas, para logo captivou as sympathias, fazendo-se applaudir como um artista correcto e de saber; o segundo, que nós vimos, por assim dizer, *fazer-se*, está hoje um bandarilheiro a valer, arrojado (talvez demais) pondo bandarilhas como um toureiro consumado. A's vezes a gente pasma dos progressos que este rapaz tem feito!

E' d'elles, pois, a festa e é preciso que o publico não vá só atraz do *réclame* espaventoso. Perceba que deve auxiliar quem põe cuidado em agradar-lhe e todos seremos contentes...

Na toirada entra como cavalleiro D. Luiz do Rêgo; e o gado pertence, parte ao sr. D. Caetano de Bragança, parte á Empreza do Colyseu.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—LARGO DA POCINHA, 73 A 77

Editor responsavel—José Francisco L. Alves



IMPRESA CIVILIZAÇÃO

LARGO DA POCINHA, 73 A 77

REAL COLISEU PORTUENSE E FESTA ARTISTICA DOS



SIMPATRICOS APPLAUDIDOS BANDARINHEIROS
JOSEITO E JOSE DOS SANTOS

Domingo 10 d' Agosto 1890

Minto